

Projeto de saúde tira cidade da miséria do tempo de Canudos

Uauá (Sertão de Canudos) — Numa terça-feira de novembro de 1977, ao fazer um levantamento dos fundos em caixa, o Prefeito José Borges Ribeiro verificou que a administração só tinha Cr\$ 5 mil. Esta é a cidade baiana escolhida, por sua pobreza, ainda remanescente do tempo da guerra de Canudos, para uma experiência-piloto em saúde pública que este mês completa um ano. Até que ponto a melhoria da saúde pública pode afetar a situação econômica e social de uma cidade?

Ainda naquele ano, 1977, um levantamento da Fundação Sesp apresentava Mauá com um índice de mortalidade infantil de 400 óbitos por 1 mil nascimentos e uma das mais elevadas taxas de tuberculose e doença de Chagas do país. Esta realidade não desapareceu com a experiência-piloto, mas a cidade já apresenta uma face menos constrangedora, com sua unidade mista que inclui hospital com 20 leitos, três médicos, enfermeiras e atendentes, serviço de água e saneamento básico e moradias mais resistentes aos barbeiros transmissores da doença de Chagas.

Um sonho

Os médicos e sanitaristas da Fundação Sesp, que administram o projeto, acham que um ano é pouco tempo para julgar uma experiência pioneira em saúde pública como esta do sertão da Bahia. "Um levantamento de resultados, dentro de padrões recomendados internacionalmente, somente poderá ter valor após cinco anos de funcionamento", afirma o diretor regional em exercício da Fundação Sesp, engenheiro sanitário Edgar Campos.

Ao visitar Uauá em 1979, no final de sua gestão, o então Ministro da Saúde Almeida Machado revelou que com o projeto-piloto no sertão de Canudos pretendia "provar a viabilidade de um sonho acalentado durante 35 anos como sanitário". Convencido de que "não teremos saúde nas grandes Capitais se não tivermos saúde no interior devido ao problema das migrações", Almeida Machado, diante da realidade de administrar os poucos recursos destinados à saúde pública no Brasil, considerava ser "economicamente possível dotar um município de segurança sanitária, a partir do exemplo de Uauá, onde o custo do projeto, na época, foi de Cr\$ 1 mil 500 per capita".

O sanitário Almeida Machado diz que o programa pode ser estendido à maioria dos municípios brasileiros: "Uauá é representativa de nossas cidades. Com 23 mil habitantes no município (menos de 5 mil na sede), alto índice de mortalidade, carência de assistência médico-sanitária, distante de tudo". O projeto foi defendido pelo ex-Ministro também como forma capaz de atrair os médicos a se fixarem no interior.

"Os Sertões"

Historicamente, Uauá sempre foi uma cidade capaz de simbolizar a pobreza do Nordeste. Palco da primeira batalha entre os seguidores do beato Antônio Conselheiro e as tropas do Governo na guerra de Canudos, ganhou descrição épica de Euclides da Cunha nas páginas de *Os Sertões*, mas guardou os efeitos do combate durante quase um século.

Situada a 415 quilômetros de Salvador foi fundada e cresceu no centro de uma região de extrema pobreza da Bahia. É a parte mais seca do Estado, com uma precipitação pluviométrica anual em torno de 500 milímetros. No começo da atual administração, a Prefeitura arrecadava Cr\$ 10 mil com a cobrança de ICM e mais Cr\$ 10 mil de impostos municipais. Na realidade o município sobrevive com os Cr\$ 3 milhões obtidos de diversos fundos federais.

O primeiro grande impacto do projeto piloto do Ministério da Saúde, portanto, diante de tal situação, foi econômico e social. Ele significou, de saída, um elevado investimento de recursos para a realidade local. E, para uma população que sempre viveu da cultura de subsistência e da criação de bodes, abriu perspectivas de emprego da mão-de-obra ociosa na execução do plano.

Os "barbeiros"

Esta mão-de-obra foi utilizada na construção da moderna unidade mista que inclui um hospital com 20 leitos, centro cirúrgico, sala de partos nas obras de saneamento básico e de construção de residências para os médicos e enfermeiras que se fixaram na cidade. Além disso a Fundação Sesp construiu, de início, 29 casas substituição às moradias de taipa sem ônus para os proprietários, que serviriam de modelo para o resto da população em termos sanitários uma vez que foi constatado que 85% das habitações de Uauá, em 1977 eram suscetíveis à presença de barbeiros transmissores da doença de Chagas.

Com a entrada do projeto piloto em funcionamento, em julho do ano passado, já se podia notar a primeira transformação. Até então relegada ao esquecimento, Uauá começou a exercer atração para os moradores de outros municípios, tais como Chorrochó, Macururé, Monte Santo e a própria Nova Canudos. Gente que continua chegando diariamente em busca de socorro médico de urgência ou de tratamentos mais prolongados de saúde, e os que desejam se beneficiar também dos melhores sanitários feitos na cidade.

Com o início da exploração da mina de cobre da Caraíba Metais, muitas pessoas preferiram residir em Uauá e não em cidade maiores, como Juazeiro e Euclides da Cunha. Isso fez crescer o comércio e a feira local e estimulou a criação de caprinos. Atualmente Uauá é o maior criador de caprinos do Estado e se prepara para sediar, em setembro, a Feira Nacional de Caprinos, com a participação de fazendeiros de todo o país.

Contando lorotas

A própria vida social foi alterada. Apesar de não contar ainda com energia elétrica de Paulo Afonso — cuja promessa de inauguração é para o final deste ano — os sertanejos de Uauá não ficam mais à noite nas ruas escuras "contando lorotas ou lembrando os feitos na Guerra dos Canudos". Com cerca de 5 mil habitantes morando na sede, a cidade já conta com três boates, funcionando quase todas as noites, "embora uma sempre fique vazia, quando a outra fica cheia de dançarinos", conforme comenta um jovem morador.

O diretor da Unidade Mista de Saúde Pública da Fundação Sesp em Uauá, médico sanitário Osvaldo Gomes da Costa, anota, porém, o atendimento diário de uma "procriação de doentes". "A maioria tem moléstias típicas das regiões pobres e subdesenvolvidas, como a tuberculose, a doença de Chagas e o pauperismo infantil. São moradores do município e de regiões vizinhas, a ponto de não ser possível, arriscar um balanço numérico dos resultados do projeto piloto", afirma.

Em Salvador, o engenheiro Edgar Campos reafirma — que um projeto de saúde pública como o de Uauá somente poderá ser avaliado com seriedade científica dentro de mais quatro anos.

"O projeto não parou com a saída do Ministro Almeida Machado. O Ministério da Saúde, através da Fundação Sesp, continua aplicando na experiência de Uauá Cr\$ 20 milhões por ano. São mantidos ainda na cidade três médicos, uma enfermeira de alto padrão e dezenas de auxiliares, que executam também um trabalho de educação comunitária nas escolas, nas residências e nos povoados vizinhos.

Outra realidade

Com as recentes conquistas sanitárias, o alinhamento das ruas e novas possibilidades de emprego, os moradores de Uauá se habitam a contatos com uma realidade mais exigente.

O PDS, entretanto, ainda domina politicamente o município, cuja liderança é exercida pelo Prefeito José Borges Ribeiro, com apoio de um dos últimos patriarcas políticos do sertão, Gerônimo Ribeiro.

Muitos moradores, principalmente os jovens, não encaram o projeto piloto do Ministério da Saúde como favor político e acham que Uauá tem direito a reivindicar mais.

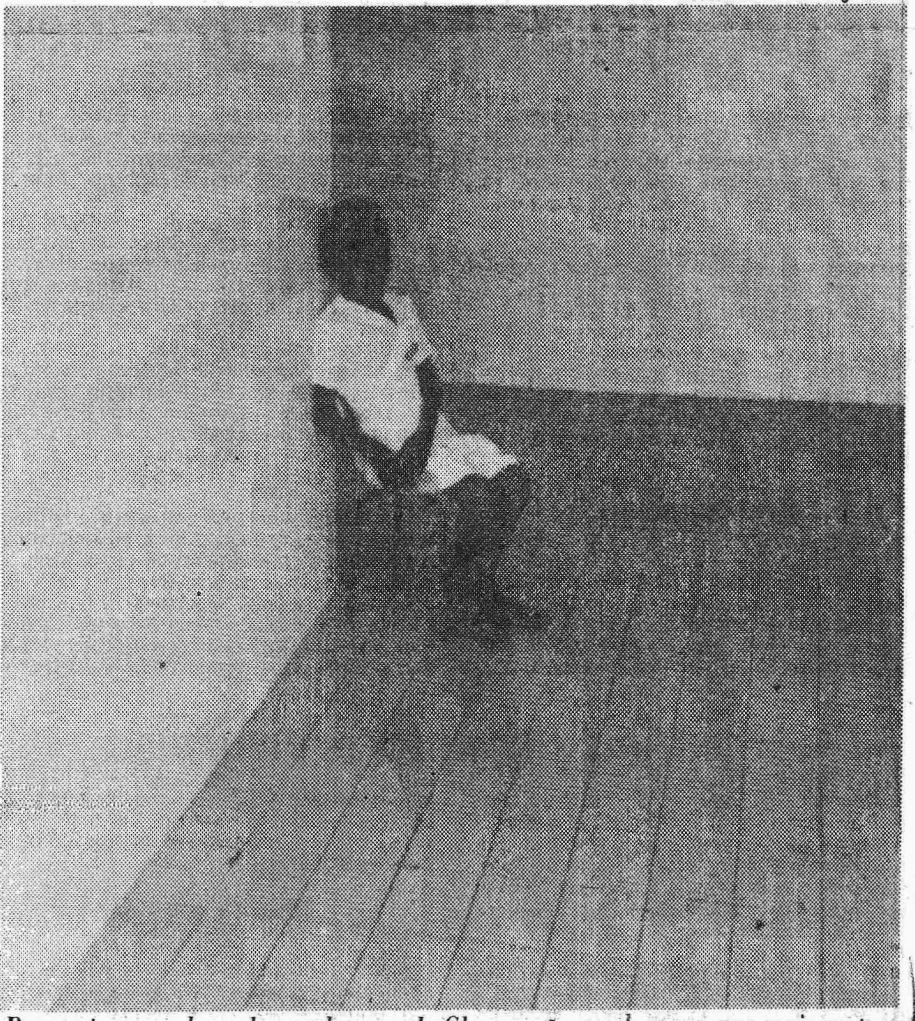
Padre Gregório

E, para isso, se apóiam nas palavras do Padre Gregório, em suas pregações. O expároco, nascido no Paraná, foi afastado pelo Bispo de Paulo Afonso, Dom Jackson Berenguer, e mandado de volta, apesar dos protestos da maioria dos católicos da cidade, mesmo os do Partido governista. Nas últimas eleições o MDB usou como apelo forte o seguinte grafite nas paredes, não apagado até agora: "Para que volte o Padre Gregório, vote no MDB."

A Uauá do tempo da guerra de Canudos, portanto, vai ficando cada vez mais distante, mas conserva traços de pobreza reveladores de uma realidade que ainda persiste. O sepultamento de recém-nascidos sem registro da morte continua, apesar dos apelos dos médicos da Fundação Sesp contra essa prática de uma população que, ao longo de muitos anos de total abandono, se acostumou "a nascer e morrer no anonimato".

Isso torna difícil obter números exatos sobre a queda do índice de mortalidade infantil em decorrência da execução do plano piloto, que, se registrada realmente, poderia servir, quem sabe, de estímulo para que a experiência seja levada a outras cidades do Brasil, tão ou mais pobres do que a Uauá de agora.

Uauá/Foto de Vitor Hugo Soares



Pauperismo, tuberculose e doença de Chagas são as doenças que mais matam